

ATIVIDADE ECONÔMICA

Desempenho do PIB no segundo trimestre de 2022

Sumário

O produto interno bruto (PIB) avançou 1,2% no segundo trimestre de 2022, na comparação com o trimestre anterior, já livre de efeitos sazonais, e 3,2% na comparação interanual, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na comparação com o trimestre anterior, os resultados do quarto trimestre de 2021 e primeiro de 2022 sofreram revisão para cima, ambos em 0,1 ponto percentual (p.p.), passando de 0,7% para 0,8% e de 1% para 1,1%, respectivamente. Nas comparações sobre o mesmo período do ano anterior, não houve modificações. O resultado veio acima da nossa previsão, divulgada na *Nota de Conjuntura* nº 34¹ em junho deste ano, que era de 0,6% na margem e de 2,3% na comparação interanual.² Em relação ao último trimestre de 2019, período imediatamente anterior ao início da crise causada pela pandemia de covid-19, o PIB encontra-se em patamar 3% superior. O avanço de 1,2% no segundo trimestre representou a quarta variação positiva na margem em sequência, com o crescimento em aceleração nesse período. Com isso, o *carry-over* para 2022 ficou em 2,6% – ou seja, caso permaneça estagnado nos dois próximos trimestres, o PIB fechará o ano com alta de 2,6%.

Em relação à ótica da produção, o PIB da agropecuária apresentou o desempenho mais modesto, com avanço de 0,5% na margem e queda de 2,5% na comparação interanual. O resultado, que veio abaixo da nossa projeção de 0,7% sobre o mesmo trimestre de 2021, foi impactado pelas contribuições negativas das lavouras de soja (-12%) e arroz (-8,5%) no período. Já o setor de serviços voltou a se destacar no segundo trimestre, ficando acima do projetado. Desde a forte queda ocorrida no segundo trimestre de 2020, quando a crise sanitária provocou uma retração de 10% na margem, o setor vem apresentando trajetória de recuperação. Refletindo a normalização dos níveis de mobilidade urbana, assim como a melhora nos indicadores do mercado de trabalho, o setor voltou a acelerar seu ritmo de crescimento no segundo trimestre, com altas de 1,3% na margem e 4,5% em termos anuais (nossa projeção era de 0,4% e 3,5%, respectivamente). Entre os seus componentes, o bom desempenho foi bastante disseminado, com destaque para as atividades associadas a outros serviços, com alta de 3,3% na margem; transporte, armazenagem e correio, com alta de 3,0%; e informação e comunicação, 2,9%. Por fim, o setor industrial, cujos gargalos relacionados à oferta de insumos vêm diminuindo, foi o grande destaque positivo. Após a queda de 0,9% ocorrida no quarto trimestre de ano passado, o setor registrou a segunda variação positiva seguida na comparação

Leonardo Mello de Carvalho

Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Coordenador de Estudos de Conjuntura e Flutuações Cíclicas na Dimac/Ipea

estevao.bastos@ipea.gov.br

Divulgado em 02 de setembro de 2022.

1. Disponível em: <<https://bit.ly/3wLEqpm>>.

2. Na mesma época, a mediana das expectativas informadas nos últimos cinco dias úteis, coletadas pelo Banco Central do Brasil (BCB), era de 2,1% para a taxa interanual; na coleta mais recente, com data de 26 de agosto de 2022, de 2,7%.

dessazonalizada, acelerando sua taxa de crescimento de 0,6% para 2,2% na passagem entre o primeiro e o segundo trimestre de 2022. Na comparação com o mesmo período de 2021, a alta de 1,9%, que interrompeu uma sequência de dois trimestres em queda, foi maior que nossa previsão (-0,3%). Em termos dessazonalizados, o bom desempenho no segundo trimestre ocorreu de modo generalizado entre os segmentos industriais, com destaque para a construção, cuja alta de 2,7% foi a oitava variação positiva em sequência. Na comparação interanual, com exceção das indústrias extrativas (-4%), todos os demais setores apresentaram alta sobre o segundo trimestre do ano passado, com destaque para eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos (10,8%) e construção (9,9%).

Pela ótica da despesa, o destaque ficou por conta da formação bruta de capital fixo (FBCF), que, recuperando-se da queda de 3,0% nos primeiros três meses do ano, em relação ao último trimestre de 2021, registrou altas de 4,8% na margem e de 1,5% na comparação interanual. Este resultado foi explicado pelo bom desempenho da construção civil e da demanda por *softwares*. Com isso, a taxa de investimento manteve-se em 18,7% no segundo trimestre, o que representou um aumento de 0,1 p.p. em relação ao mesmo período de 2021. Já o consumo das famílias registrou forte aceleração na passagem entre o primeiro e o segundo trimestres. Na comparação com ajuste sazonal, o avanço de 2,6% sucedeu uma alta de 0,5%, sendo esta a quarta variação positiva seguida. Na comparação interanual, o crescimento de 5,3% veio acima da nossa previsão, que era de 2,8%. Já o consumo do governo, que atingiu patamar 0,7% superior àquele verificado no mesmo período do ano passado, registrou queda de 0,9% na comparação com ajuste sazonal, ficando abaixo do previsto (crescimento de 2,4% e 0,3%, respectivamente). Por fim, as exportações líquidas registraram contribuição negativa para o resultado do segundo trimestre, seja na comparação com ajuste sazonal, seja em termos interanuais, refletindo o crescimento da absorção interna acima do registrado pelo PIB, de 2,9% sobre o primeiro trimestre deste ano e de 3,8% sobre o segundo do ano passado.

1 Ótica da produção

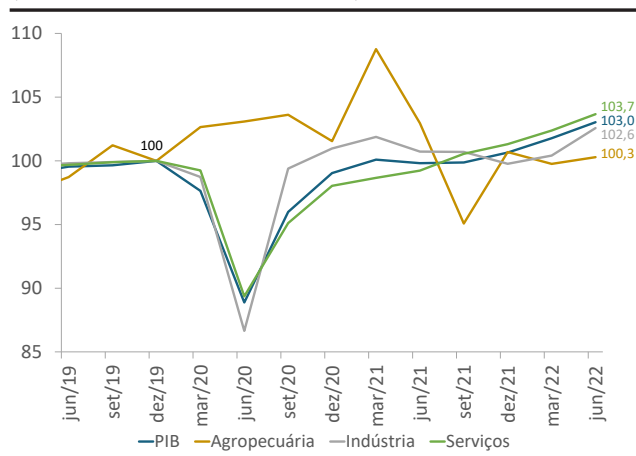
Entre os setores produtivos, o PIB da agropecuária apresentou os resultados mais modestos, com alta de 0,5% na comparação livre de efeitos sazonais e queda de 2,5% sobre o mesmo período do ano passado. Com base no Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), o resultado interanual refletiu o desempenho positivo de lavouras com peso relevante no trimestre, a saber: milho (27%) e café (8,6%). Contribuíram negativamente os resultados da produção de soja (-12%) e arroz (-8,5%). Com relação ao segmento da pecuária, a produção de bovinos exerceu contribuição positiva. Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* para 2022 ficou em -2,3%.³

No segundo trimestre, o setor de serviços voltou a ser um dos destaques entre os componentes do PIB. Desde a forte queda ocorrida no segundo trimestre de 2020, quando a crise sanitária provocou retração de 10% na margem, o setor vem apresentando trajetória sólida de recuperação. Refletindo a normalização dos níveis de mobilidade urbana, assim como a melhora nos indicadores do mercado de trabalho, o setor novamente acelerou seu ritmo de crescimento no segundo trimestre, com altas de 1,3% na margem e 4,5% em termos interanuais. Entre os seus componentes, o bom desempenho foi bastante disseminado, com destaque para as atividades associadas a outros serviços, com alta de 3,3% na comparação já sem efeitos sazonais. Vale notar que, além da normalização da mobilidade urbana, os impulsos fiscais de medidas de mitigação da pobreza, com impactos positivos no nível de atividade econômica, têm contribuído positivamente. Em relação ao período pré-pandemia (último trimestre de 2019), com exceção dos serviços ligados à administração pública (-2,2%), todos os demais se encontram em patamar superior. Ainda nesta comparação, o setor como um todo já registra um crescimento de 3,7% (gráfico 1). O resultado deixa um *carry-over* de 3,4% para 2022.

3. O *carry-over*, ou carregamento estatístico, foi calculado da seguinte maneira: supõe-se que a série dessazonalizada terá crescimento nulo na margem nos dois trimestres finais do ano, mantendo-se, assim, no mesmo nível do segundo trimestre. Em seguida, são aplicados os fatores sazonais nesses dois trimestres usando os fatores sazonais de 2021. Por fim, a variação anual é calculada a partir da série encadeada, sem ajuste.

Por fim, o setor industrial foi o principal destaque positivo no resultado do PIB no segundo trimestre. Após a queda de 0,9% ocorrida nos últimos três meses do ano passado, o setor registrou a segunda variação positiva seguida na comparação dessazonalizada, acelerando sua taxa de crescimento de 0,6% para 2,2% na passagem entre o primeiro e o segundo trimestre de 2022. Na comparação com o mesmo período de 2021, a alta de 1,9% interrompeu uma sequência de dois trimestres em queda. Em termos dessazonalizados, o bom desempenho no segundo trimestre ocorreu de modo generalizado entre os segmentos industriais, com destaque para a construção, cuja alta de 2,7% foi a oitava variação positiva em sequência. Na comparação interanual, com exceção das indústrias extrativas (-4%), todos os demais setores apresentaram alta sobre o segundo trimestre do ano passado. Contribuiu para este resultado o mau desempenho das extrações de minérios de ferro e de petróleo e gás. Além do bom desempenho da construção e do segmento de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos, vale destacar o setor da transformação, cuja alta de 1,7% na margem repetiu o resultado do primeiro trimestre. O aumento recente dos níveis de confiança dos empresários do setor manufatureiro, já num patamar que denota otimismo, indica algum alívio nas dificuldades associadas aos problemas de ofertas de insumo ao longo das cadeias produtivas. Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* do PIB industrial ficou em 1,3% para 2022.

GRÁFICO 1
PIB e componentes da oferta: evolução dos indicadores dessazonalizados
 (Índice-base: 4º trim./2019 = 100)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 1
PIB e setores produtivos: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T21	4T21	1T22	2T22	3T21	4T21	1T22	2T22	no ano	em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,1	0,8	1,1	1,2	4,0	1,6	1,7	3,2	2,5	2,6
Impostos sobre produtos	0,8	-0,4	0,0	1,6	6,2	2,2	0,5	1,6	1,0	2,6
Valor adicionado a preços básicos	0,2	0,8	1,3	1,2	3,7	1,6	1,9	3,6	2,7	2,7
Agropecuária	-7,6	5,9	-0,9	0,5	-9,0	-0,8	-8,0	-2,5	-5,4	-5,5
Indústria	0,0	-0,9	0,6	2,2	1,3	-1,3	-1,5	1,9	0,2	0,1
Extrativa	-1,7	-1,9	-2,8	2,2	3,5	4,5	-2,4	-4,0	-3,2	0,5
Indústria de transformação	-1,1	-1,8	1,7	1,7	-0,7	-6,9	-4,7	0,5	-2,1	-2,9
Eletricidade e gás, água, esgoto, ativ. de gestão de resíduos	-0,9	1,5	6,5	3,1	-4,6	0,7	7,6	10,8	9,2	3,7
Construção	4,4	1,7	1,0	2,7	10,9	12,2	9,0	9,9	9,5	10,5
Serviços	1,3	0,8	1,1	1,3	5,8	3,3	3,7	4,5	4,1	4,3
Comércio	-0,7	-2,0	2,1	1,7	2,8	-2,9	-1,5	1,3	-0,1	-0,1
Transporte, armazenagem e correio	2,1	3,4	2,5	3,0	13,1	9,3	9,4	11,7	10,6	10,9
Informação e comunicação	2,2	5,0	-5,3	2,9	14,8	13,8	5,5	4,6	5,1	9,6
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	-0,4	0,4	-0,6	1,4	-1,3	-0,4	-1,6	1,0	-0,3	-0,6
Atividades imobiliárias	-0,1	-0,5	0,7	0,3	1,7	0,2	0,3	0,5	0,4	0,7
Outras atividades de serviços	4,7	2,5	2,4	3,3	13,5	9,7	12,6	13,6	13,1	12,3
Adm., defesa, saúde e educação públicas e seguridade social	0,8	0,8	0,4	-0,8	2,9	2,0	2,9	1,1	2,0	2,2

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 2

PIB por setor: contribuição para a taxa real de crescimento interanual¹

(Em p.p.)

	2020		2021				2022	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
PIB²	-3,7	-0,9	1,3	12,3	4,0	1,6	1,7	3,2
Impostos sobre produtos	-0,7	0,0	0,5	2,3	0,8	0,2	0,1	0,2
Agropecuária	0,1	0,1	0,6	0,0	-0,5	0,0	-0,6	-0,2
Indústria	-0,1	0,2	0,9	3,0	0,2	-0,2	-0,3	0,4
Serviços	-3,0	-1,2	-0,6	7,0	3,5	1,6	2,6	2,8

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹Valores aproximados.

²Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento (%).

Crescimento interanual: contribuição por setor

- Na comparação interanual, o setor de serviços voltou a ser o destaque positivo, adicionando 2,8 p.p. ao crescimento do PIB. O resultado foi a quinta contribuição positiva em sequência.
- Já a indústria adicionou 0,4 p.p. no resultado do segundo trimestre, interrompendo duas contribuições negativas em sequência.
- Por fim, enquanto a agropecuária retirou 0,2 p.p., os impostos indiretos exerceram contribuição positiva de 0,2 p.p. para o resultado do segundo trimestre.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Ótica da despesa

Pela ótica da despesa, o destaque ficou por conta da FBCF, que, recuperando-se da queda de 3,8% nos primeiros três meses do ano, registrou altas de 4,8% na margem e de 1,5% na comparação interanual. Além de uma base de comparação reduzida, este resultado foi explicado pelo bom desempenho da construção civil e da demanda por *softwares* no período. O *carry-over* deixado para 2022 ficou em -0,6%. Na passagem entre o primeiro e o segundo trimestre, a taxa de investimento manteve-se em 18,7%, o que representou um aumento de 0,1 p.p. em relação ao mesmo período de 2021. Já no acumulado em quatro trimestres, o resultado foi de 18,9%, indicando relativa estabilidade em relação aos dois trimestres de períodos anteriores (18,9% e 19,2%) e crescimento em relação ao segundo trimestre de 2021, quando foi de 18,3%.

Já o consumo de bens e serviços por parte das famílias registrou forte aceleração na passagem entre o primeiro e o segundo trimestre. Na comparação com ajuste sazonal, o avanço de 2,6% sucedeu uma alta de 0,5%, senda esta a quarta variação positiva seguida. Já na comparação interanual, a taxa de crescimento passou de 2,2% para 5,3%. Refletindo o bom resultado já antecipado no desempenho das vendas no comércio varejista (conceito restrito) e, particularmente, o faturamento no setor de serviços ao longo do segundo trimestre, o crescimento observado também é explicado pela melhora nos indicadores de mercado de trabalho e pelos efeitos positivos gerados pelos programas de transferência de renda por parte do governo, assim como pela queda da inflação, impactando positivamente os níveis de confiança dos consumidores. Com o resultado do segundo trimestre, o *carry-over* ficou em 3,7% para 2022.

Por fim, as exportações líquidas registraram contribuição negativa para o resultado do primeiro trimestre, seja na comparação com ajuste sazonal, seja em termos interanuais, refletindo crescimento da absorção interna acima do registrado pelo PIB. Contribuíram para o mau desempenho as exportações de soja, petróleo e gás natural e minérios

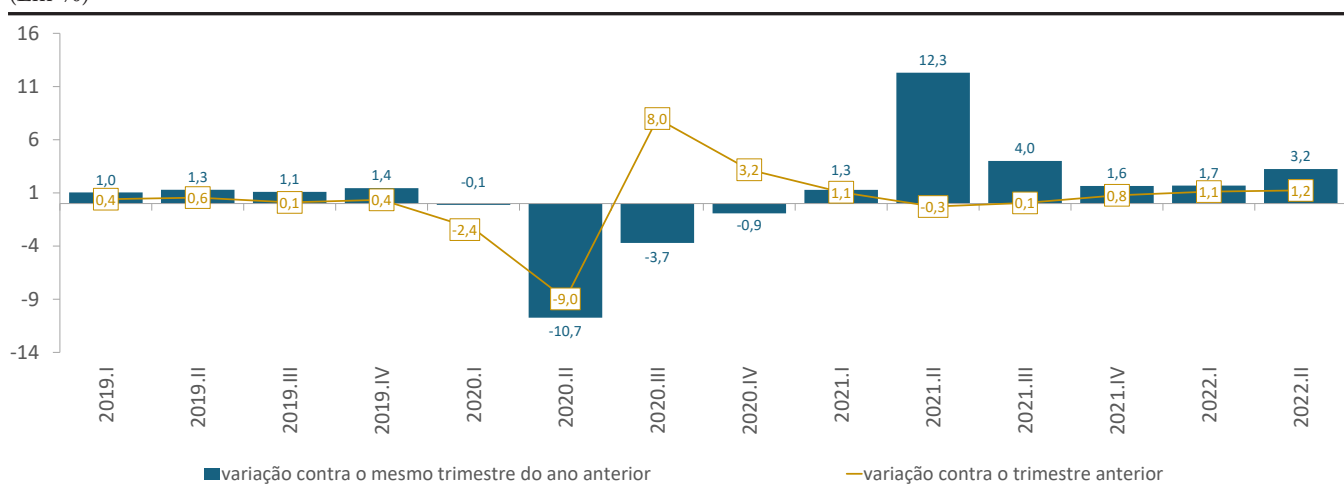
de ferro. A absorção interna, correspondente à soma da demanda interna com a variação de estoques, cresceu 2,9% sobre o primeiro trimestre deste ano e 3,8% sobre o segundo do ano passado.

TABELA 3
PIB e componentes de demanda: evolução das taxas de crescimento
 (Em %)

	Trimestre/trimestre anterior dessazonalizado				Trimestre/Igual trimestre do ano anterior				Acumulado	
	3T21	4T21	1T22	2T22	3T21	4T21	1T22	2T22	no ano	em quatro trimestres
PIB a preços de mercado	0,1	0,8	1,1	1,2	4,0	1,6	1,7	3,2	2,5	2,6
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	1,2	0,1	-0,5	2,9	6,2	2,0	-1,5	3,8	1,1	2,5
Demanda interna final	0,7	1,4	-0,7	2,3	6,5	2,5	0,6	3,7	2,1	3,3
Consumo total	0,9	1,2	0,3	1,8	4,0	2,2	2,5	4,2	3,3	3,2
Consumo das famílias	1,0	1,0	0,5	2,6	4,2	2,1	2,2	5,3	3,7	3,4
Consumo do governo	1,0	0,8	-0,1	-0,9	3,5	2,8	3,3	0,7	2,0	2,5
FBCF	-0,2	0,1	-3,0	4,8	18,8	3,4	-7,2	1,5	-2,9	3,5
Exportações de bens e serviços	-7,9	-0,3	5,7	-2,5	4,0	3,3	8,1	-4,8	0,9	2,3
Importações de bens e serviços	-5,4	0,7	-4,0	7,6	20,6	3,7	-11,0	-1,1	-6,2	2,0

Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2
PIB: evolução das taxas de crescimento trimestral e dessazonalizado
 (Em %)



Fonte: IBGE.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Crescimento interanual: contribuições pela ótica da despesa

- Na comparação interanual, a absorção doméstica adicionou 4 p.p. no crescimento do PIB.
- O consumo das famílias contribuiu positivamente com 3,2 p.p. no trimestre, a quinta contribuição positiva em sequência.
- Os investimentos em capital fixo somaram 0,3 p.p. no resultado interanual.
- O componente variação de estoques aumentou a taxa trimestral do PIB em 0,3 p.p. no segundo trimestre.
- Por fim, as exportações líquidas exerceram influência negativa no resultado trimestral, retirando 0,7 p.p. do PIB.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

PIB pela ótica da despesa: contribuição para a taxa real de crescimento trimestral
(Em p.p.)

	2020		2021				2022	
	T3	T4	T1	T2	T3	T4	T1	T2
PIB¹	-3,7	-0,9	1,3	12,3	4,0	1,6	1,7	3,2
Absorção interna (demanda interna final + var. de estoques)	-7,3	-0,8	2,3	13,2	6,6	1,7	-2,1	4,0
Demanda interna final	-6,2	-0,6	1,1	13,3	6,5	2,5	0,6	3,7
Consumo total	-5,1	-2,7	-1,9	7,8	3,4	1,9	2,0	3,4
Consumo das famílias	-4,0	-2,0	-1,1	6,6	2,7	1,3	1,3	3,2
Consumo do governo	-1,1	-0,7	-0,8	1,2	0,7	0,6	0,6	0,1
FBCF	-1,2	2,0	3,0	5,5	3,1	0,6	-1,4	0,3
Variação de estoques	-1,0	-0,2	1,2	-0,1	0,2	-0,8	-2,6	0,3
Exportações líquidas de bens e serviços	3,5	-0,1	-1,0	-0,9	-2,6	0,0	3,7	-0,7

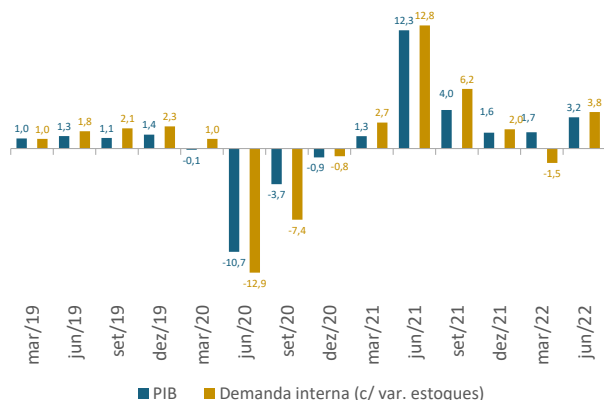
Fontes: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: ¹ Valores referentes ao PIB dizem respeito à taxa de crescimento (%).

GRÁFICO 3

Taxas de crescimento: PIB versus demanda interna, taxa trimestral
(Em %)

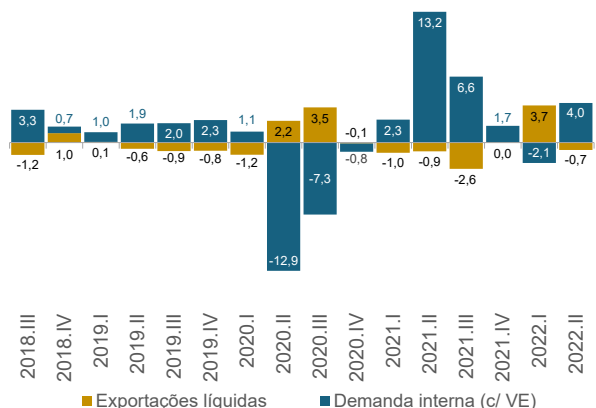


Fontes: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 5

Contribuição para a taxa real de crescimento trimestral do PIB: absorção doméstica versus exportações líquidas
(Em p.p.)

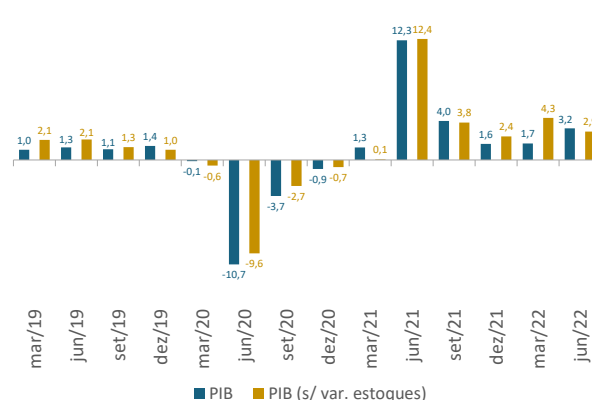


Fontes: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 4

Taxas de crescimento: PIB versus PIB sem estoques, taxa trimestral
(Em %)

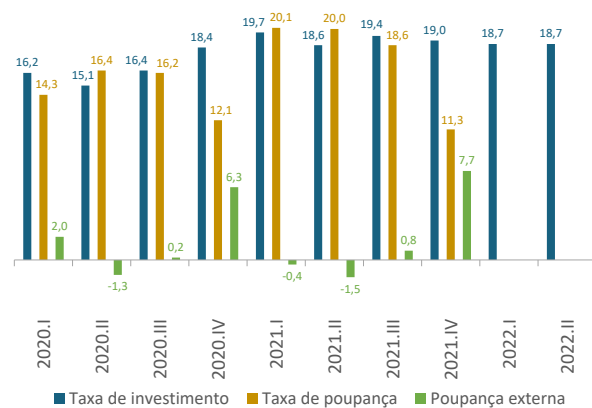


Fontes: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 6

Poupança externa: evolução das taxas de investimento versus taxas de poupança
(Em %)



Fontes: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Diretor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Diretor Adjunto)

Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti (Editor)
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos (Editor)
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos (Editor)
Fábio Servo
José Ronaldo de Castro Souza Júnior
Leonardo Mello de Carvalho
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Sandro Sacchet de Carvalho

Pesquisadores Visitantes:

Ana Cecília Kreter
Andreza Aparecida Palma
Antônio Carlos Simões Florido
Cristiano da Costa Silva
Felipe Moraes Cornelio
Paulo Mansur Levy
Sidney Martins Caetano

Equipe de Assistentes:

Alexandre Magno de Almeida Leão
Caio Rodrigues Gomes Leite
Diego Ferreira
Diego Rosalino Marques
Felipe dos Santos Martins
Izabel Nolau de Souza
Marcelo Lima de Moraes
Pedro Mendes Garcia
Rafael Pastre
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

Design/Diagramação:

Augusto Lopes dos Santos Borges
Leonardo Simão Lago Alvite

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.